

DIÁLOGO E FEMININO: DUAS AUSÊNCIAS

Anotações sobre Lucas 15,11-32

Haroldo Reimer*

A parábola registrada em Lucas 15,11-32 é bem conhecida, especialmente pelos títulos que algumas traduções da Bíblia atribuem à narrativa. A Bíblia de Almeida, assim como a Bíblia Vozes, colocam o título: “a parábola do filho pródigo”. Algumas outras propostas podem ser encontradas: “os dois filhos” (Bíblia Pastoral) e “parábola do filho reencontrado” (TEB).

Conhecido também é o conteúdo da história, que pode ser lido em qualquer versão da Bíblia e aqui é apresentado ao modo de paráfrase, na qual alguns acentos já vão sendo colocados.

Um homem, proprietário em boa situação social, tinha dois filhos. O filho menor resolve sair de casa e solicita a sua parte na herança, ao que é prontamente atendido pelo pai. Empreende, então, uma viagem para outro lugar em que possa ir tocar a sua vida. Acaba, porém, dissolvendo seu patrimônio de herança de forma meio dissoluta, em festas e com prostitutas. Caído em pobreza, consegue uma ocupação como cuidador de porcos. Nesta situação, inveja a comida dos porcos, mas dela não se serve, e inveja também a situação dos escravos de seu pai. Resolve, então, empreender um retorno à casa paterna, primeiro mentalmente e, depois, na prática. Mentalmente quer simplesmente ser aceito como um escravo na casa paterna; na prática, porém, ao chegar, o pai corre ao seu encontro, abraça o filho e o reintegra na ordem do domínio patriarcal familiar, através de vários gestos simbólicos (roupas, anel e festa). O filho mais velho, ao retornar de suas atividades, surpreende-se com a festa e, através da perspectiva de um servo da casa, se inteira dos fatos, que o aborrecem. Diante disso, o pai sai da casa ao encontro do filho mais velho e com ele tem um diálogo, afirmando que não haveria razão para tanto aborrecimento, uma vez que ele estaria sempre na sua presença e participaria do domínio na casa. Ao filho aborrecido e talvez com inveja o pai faz o convite para participar da festa e da alegria por aquele que “estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (v. 32). A decisão do filho mais velho não é narrada na parábola, permanecendo o convite e a justificativa.

Dentro das narrativas evangélicas, essa história comunga do gênero literário “parábola”. Neste gênero, uma história do cotidiano da vida é contada, elucidando even-

* Teólogo biblista, pastor luterano, professor na Universidade Católica de Goiás e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, em Goiânia. Assessor do Centro de Estudos Bíblicos.

tos e relações cotidianas. Na mesma história, contudo, há indicação para relações do que seria válido e vigente dentro do espaço e tempo heterotópico do “reino de Deus”. Tal comparação com o reino de Deus muitas vezes é indicada por uma frase estereotipada como “o reino de Deus é semelhante a...” Nas três histórias em Lucas 15, que são tematicamente próximas e que constituem um “material próprio” de Lucas, contudo, esse tipo de introdução não figura.

Na história da interpretação desta parábola, alguns enfoques particulares conseguiram aninhar-se no senso comum.

Convém destacar inicialmente a grande contribuição da Reforma e especialmente de Lutero em destacar a dimensão da *gratuidade* do amor de Deus nesta parábola. Destaque recebe aqui a imagem do pai que espera pacientemente pelo filho desviado e, ao vê-lo, sai correndo ao seu encontro para reintegrá-lo no convívio familiar. A figura do patriarca que corre ao encontro do filho representaria o Deus misericordioso que corre motivado pela alegria do retorno do filho perdido e pelo medo de que o mesmo possa novamente se perder¹.

Amiúde encontra-se a interpretação da parábola no sentido de que os dois filhos representariam dois movimentos religiosos no século I, os quais se encontrariam em tensão. O filho mais velho remeteria para o judaísmo, tendo nos fariseus zelosos e murmurentos, como freqüentemente interpretados nos evangelhos, o seu tipo comum. O filho mais moço indicaria para os cristãos e especialmente gentílico-cristãos. Através da integração do filho mais novo, estes estariam sendo integrados na graça do Deus de Israel. Essa integração gratuita seria a causa da inveja e da murmuração dos judeus, representados na figura do filho mais velho nesta parábola².

Efetivamente, a história dessa parábola “rende pano para muita manga”. É talvez uma das narrativas mais interpretadas do Novo Testamento, justamente por causa da plasticidade e maestria da narração e também por causa da bela construção teológica ali presente.

Nesta história bíblica, assim como em tantos outros textos do universo bíblico, percebe-se todo um engajamento quanto à redação e à composição do material. Em nossa leitura desta parábola, partimos do pressuposto de que este texto não é simplesmente a tentativa de imitar narrativamente a narração-mensagem original do rabi Jesus de Nazaré. Não há nenhum razão em querer negar que a história possa remontar ao próprio Jesus histórico. Mais importante é perceber que o mundo do texto é um mundo tecido, codificado, enfim, construído. A construção do mundo do texto não é acidental, mas é intencional; é elaborada para transmitir uma mensagem para os ouvintes e leitores no tempo contemporâneo da fixação literária no século I com conteúdo que transcende aquele momento originário.

1. Essa dimensão da gratuidade e da alegria está bem retratada numa singela interpretação do texto feita por Ivoni RICHTER REIMER. Buscar e encontrar pessoas perdidas e excluídas. Um motivo para festa em comunidade, em: *O Belo, as feras e o novo tempo*. São Leopoldo: Cebi; Petrópolis: Vozes, 2000, p. 79-82.

2. Essa interpretação pode ser encontrada, por exemplo, em Walter GRUNDMANN. *Das Evangelium nach Lukas* (Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament, v. 3). Berlim: Evangelisches Verlagshaus, 1961, p. 308-314.

Dentro dessa pressuposta intencionalidade do mundo narrado nesta parábola, quero aqui registrar o estranhamento em relação a duas ausências: a) a falta de diálogo com o filho mais moço e b) a ausência do feminino, por exemplo, de uma mulher do patriarca que pudesse ter facilitado um diálogo entre o pai e o filho antes do desfecho da partida.

1. Ausência de diálogo

Há muitos anos, quando enquanto pastor me cabia a tarefa de fazer uma pregação sobre este texto evangélico, sentia algum desconforto em relação à falta de diálogo com o filho mais moço quando este estava agitado por causa da decisão de continuar ou não com o pai. Em si, a decisão do filho mais moço de ir embora e buscar os seus próprios horizontes nunca me foi um problema. Pelo contrário, a sua partida marca a busca de afirmação de espaço de liberdade e autonomia em relação à figura do pai-patriarca. Neste sentido, a ruptura é desejável, porque a autonomia e a liberdade são constituintes da própria condição humana. A inquietação que me vinha era causada pela ausência de diálogo entre o pai e o filho tanto na cena inicial quanto na cena do regresso. É verdade que a cena de regresso está carregada de ações simbólicas e estas podem até ser uma linguagem mais plástica e mais profunda do que o diálogo verbal. Porém, mesmo assim, a dimensão dialógica faz falta.

Essa percepção me foi recentemente reforçada num trabalho sobre o texto, feito com adolescentes no contexto do Ensino Confirmatório na Igreja Luterana, em Goiânia. Solicitados a expressar seus entendimentos, suas inquietações e suas reações em relação ao texto na forma de um reescrever do texto, vários adolescentes fizeram o pai conversar com o filho antes de sua decisão de abandonar a casa. De modo semelhante, alguns adolescentes fizeram os dois entrar num verdadeiro diálogo antes da reintegração na casa. Achavam que o passo de imediata reintegração seria demasiado rápido sem uma conversa “franca e aberta” sobre a ruptura e o distanciamento. Penso que neste particular houve uma percepção muito sensata no sentido de interpretação e reinterpretação dessa história bíblica. Adolescentes se mostraram hermeneutas! Para não idealizar, contudo, deve-se registrar também que alguns fizeram o pai dar uma surra no filho antes da conversa! Importa, porém, destacar a percepção anterior, isto é, a observação da necessidade do diálogo.

A falta de diálogo do pai com o filho mais moço revela traços culturais que servem de pano de fundo para a história, mas indicam também para limitações quanto à representação de Deus interpretada neste texto. O pano de fundo desta parábola é claramente patriarcal. As relações e as formas de decisão estão patriarcalmente centralizadas. É o pai quem decide. É claro que houve benevolência da parte do pai em aceitar prontamente a decisão do filho em receber sua parte da herança, embora isso possa ter tido algum respaldo legal na época. No nível metafórico do texto, que indica para a realidade esperada e anunciada do reino de Deus, isso aponta para um Deus que dá às pessoas a liberdade da escolha e acata a escolha humana no sentido de sua condução para a autonomia. Na hora do retorno do filho mais moço e de sua pronta reintegração, continua prevalecendo a dimensão do Deus misericordioso e de coração aberto, que, agora aceita, tacitamente, o retorno de quem estava perdido. É de fato uma cena comovente!

Mas a autoridade patriarcal volta a ser destacada no próprio fato da reintegração no domínio familiar. Assim, não há de ser totalmente verdade o que o pai diz depois para o filho mais velho: “tudo o que é meu é teu” (v. 31). Com a reintegração do filho mais novo, este novamente participa do universo e do direito patrimonial da família. Com isso, o filho mais velho está sendo lesado em sua parte da herança, pois o patrimônio familiar novamente será repartido entre os filhos. Neste sentido, o filho mais velho está sendo privado de um direito seu. Da mesma forma, se a afirmação de que “tudo o que é meu é teu” (v. 31) fosse realidade efetiva, o filho mais velho não precisaria constantemente da aprovação do pai para coisas pequenas como alegrar-se com os amigos, saboreando um cabrito que seja. Tal cabrito deveria ser solicitado ao patriarca. No nível narrativo da parábola parece ser assim que o filho mais velho não é ou não está plenamente integrado em seus direitos de herança. Pelo próprio poder patriarcal projetado na figura do pai-patriarca, o poder decisório é centralizado na figura deste. Se de alguma forma o filho mais velho pode ser uma indicação para o “judaísmo” enquanto movimento religioso, essa construção excludente deveria ser no mínimo preocupante. O patriarca-Deus dispõe de forma centralizada, e soberana, sobre o poder de dar e (novamente) distribuir sem nenhum tipo de consulta às partes.

A falta de diálogo com o filho mais moço está em verdade a reforçar o poder patriarcal. É um patriarca que concede, que corre, que abraça, que reintegra. Mas é ele quem faz.

Não há participação de outros. Se nos dois filhos de alguma forma estão representados o judaísmo e o cristianismo incipiente, causa estranheza que na proposta da mensagem da parábola não haja nenhum tipo de diálogo nem entre o pai e o filho mais moço e muito menos ainda entre os próprios filhos-irmãos. Essa ausência dialógica é preocupante. É como se a bela elaboração teológica desta parábola estivesse, no fundo, a sedimentar a ruptura. A ausência do diálogo não é uma decorrência “natural” do movimento e do desenvolvimento histórico-religioso no período, mas decorre da construção simbólica realizada neste texto.

2. Ausência do feminino

A ausência do feminino nesta parábola é outra dimensão preocupante. O mundo patriarcal retratado na parábola carece da participação feminina. Poder-se-ia argumentar que a mulher não aparece na história porque a narrativa se passa fora do espaço da casa. Na casa, a mulher poderia ter o seu espaço, mas o mundo exterior é o universo de dominância do masculino. A mulher não está totalmente ausente no contexto de Lucas 15, aparecendo, por exemplo, na parábola da mulher pobre que busca a moeda perdida. Aí o enredo se passa dentro do ambiente da casa³.

Em Lucas 15,11-32, a mulher está totalmente ausente. Essa ausência também não deve ser vista simplesmente como “natural”, pois a trama do texto é uma construção simbólica intencionada. No mundo do texto, a presença da mulher é suprimida. Pode ser que o Jesus histórico que contou essa história pela primeira vez já tenha dire-

3. Sobre isso pode-se ler em Luise SCHOTTROFF. *Die Gleichnisse Jesus* [As parábolas de Jesus], Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2005, p. 177-197. [Veja Resenha neste número de Estudos Bíblicos – NdOrg.]

cionado o texto neste sentido. No caminho da transmissão das tradições, contudo, as próprias tradições e os textos passam por releituras que podem interferir no teor dos mesmos. Releituras são atualizações e reinterpretações que decorrem da dinâmica viva da história da transmissão.

Neste sentido, desde uma perspectiva de relativa equidade nas representações de gênero dentro do mundo do texto, a ausência do feminino é lamentável. Uma leitura em perspectiva psicológica poderia evidenciar como uma família pode padecer e adoecer em suas relações através da falta do feminino.

A ausência do feminino, contudo, é preocupante no nível da reelaboração do material por parte do evangelista no final do século I. Se as pesquisas desenvolvidas pelas teólogas e exegetas feministas têm razão, houve uma participação efetiva de mulheres nos inícios dos cristianismos. Com o desenvolvimento e crescimento do movimento e sua acomodação institucional, os homens passaram a ocupar a primazia, ocupando os postos de mando e direção nas comunidades cristãs. A ausência da mulher no mundo do texto no momento da redação e composição pelo evangelista, no caso Lucas, significa também uma mensagem subliminar, senão até direta, para as comunidades cristãs do período: o poder decisório está centralizado na figura masculina, representada no pai-patriarca. Isso significa que as mulheres simbolicamente estão alijadas de qualquer possibilidade de diálogo e também de qualquer poder decisório quanto às questões esboçadas no texto. Uma reescrita do texto careceria incluir o feminino no mundo do texto!

A ausência do feminino, porém, pode ser explicada e entendida por uma outra razão, mais claramente de ordem teológica. Jesus e as primeiras comunidades são herdeiros da tradição monoteísta hebraica. No desenvolvimento da religião de Israel rumo ao monoteísmo houve várias fases e momentos nevrálgicos em que determinados elementos foram incorporados à representação conceitual do Deus Yahveh. Outros elementos, como por exemplo a relação deste Deus com uma consorte divina feminina foram totalmente supressos. A construção simbólica privilegiou o esboço de um Yahveh masculino e solitário⁴.

Neste sentido, se o nível metafórico da parábola remete para as relações no reino de Deus e indica para a própria realidade de Deus, não poderia haver espaço para o feminino nesta parábola. Se o pai-patriarca remete para Deus, uma eventual mulher-esposa deveria remeter, no mesmo nível metafórico, para a existência de uma consorte divina. Na fidelidade à construção teológica da religião de Israel, o mundo do texto desta parábola precisa suprimir o feminino. Do contrário, o texto levantaria problemas que talvez não estivessem na sua intenção.

Haroldo Reimer
Rua 115-G, n.10 – Setor Sul
74085-310 Goiânia – GO
Email: h.reimer@terra.com.br

4. Sobre o desenvolvimento do monoteísmo no antigo Israel, ver, por exemplo, Haroldo REIMER. Sobre os inícios do monoteísmo no antigo Israel. *Fragmentos de Cultura*, v. 13, n. 5, Goiânia, 2003, p. 967-988.